

Talvez sem lembrar, mas não sem brilhar.

Lorena Bitar Mesquita de Almeida

Resumo: Este artigo versa sobre o que Freud teria a dizer a respeito do esquecimento, a partir do filme “Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembrança”. Mais que isso, articula a proposta da psicanálise com toda a problemática vivenciada pelas personagens da obra cinematográfica mencionada.

*“Feliz é o destino da inocente vestal, esquecida pelo mundo que ela esqueceu.
Brilho eterno da mente sem lembrança!”
Alexander Pope.*

Joel Barish é um cara tímido que arruma uma namorada, Clementine, cuja personalidade é oposta a dele. Mesmo assim, os dois começam a namorar e, juntos, constroem uma história. Depois que Joel e Clementine terminam, ela resolve contratar a empresa do doutor Howard Mierzwaik, que oferece um serviço um tanto quanto peculiar: ele desenvolveu uma técnica que “deleta”, literalmente, alguém de suas lembranças. No universo imaginado pelo doutor Howard, sofrer por amor não é mais preciso. Basta ir à Lacuna Inc. e ter todas as memórias sobre determinada pessoa, animal, ou fato, deletadas de sua mente para sempre. Os técnicos entram na mente do contratante e apagam qualquer lembrança existente relacionada à pessoa escolhida. Clementine pede que eliminem Joel de sua vida.

Após saber o que Clementine havia feito, ele contrata a tal empresa para que possa passar pela mesma "lavagem cerebral". E lá se vai Joel Barish. Consciente de todas as memórias no momento em que elas estão sendo destruídas, ele vai sendo conduzido de lembrança em lembrança para assistir ao assassinato. Durante o processo, revisitando suas recordações, Joel se arrepende de ter pedido pelo apagamento de Clementine e tenta burlar a “operação”, encaixando-a em momentos de sua vida os quais ela não participou. As experiências se originam de construções imaginárias, nas quais Joel tenta esconder Clementine em cantos obscuros de seu psiquismo, como nas situações traumáticas de sua infância. Realidade e fantasia se misturam, o desejo do

sujeito sedado entra como intruso no processo, com a função de atrapalhar o curso normal da "cirurgia". Mas essa tentativa fracassa e Joel vê o seu mundo ser “deletado”.

Solução conveniente para os relacionamentos fracassados: a mútua amnésia. E se esquecêssemos? Será que a vida não nos levaria a repetir certas experiências? Essa é a história do filme *Brilho eterno de uma mente sem lembrança*, que brinca com uma situação fictícia, e ao mesmo tempo aborda uma questão muito contemporânea: a idéia de que esquecendo as experiências dolorosas, estaríamos isentos de sofrimento, restituídos de tranquilidade, e sem cicatrizes.

O que Freud tem a nos dizer isso? Contemporâneo ao próprio nascimento da psicanálise, o estudo do afeto surge na obra de Freud em uma rede intrincada com outros conceitos, especialmente a pulsão e a angústia, o que lhe confere a peculiaridade de não possuir um lugar particular nos seus textos, apontando para a ausência de uma obra específica sobre esse tema. Mesmo diante deste entrelaçamento conceitual, creio ser possível refletir sobre o filme a partir da ótica da psicanálise, pensando na articulação entre afeto e representação e seus possíveis desdobramentos.

No início de sua obra, em Projeto para uma Psicologia Científica (1950 [1895]), Freud opõe representação e afeto, assinalando que quando uma situação mostra-se insuportável para o sujeito, há uma ruptura entre a ideia a qual a situação representa e o afeto a ela ligado. Esta separação, provocada pelo recalçamento, mantém no inconsciente a representação que fica inscrita como um traço mnêmico. Já o afeto que foi desligado da ideia, é transformado em energia somática, e pode ser deslocado, convertido ou suprimido, dando lugar a um sintoma.

A ruptura entre representação e afeto dá-se a partir da pretensão de tratar a representação como não ocorrida. Tarefa árdua, pois tanto o traço mnêmico como o afeto preso à representação estão inscritos no psiquismo, e não podem ser apagados. Talvez a representação possa ser ‘esquecida’, afastada da consciência, não mais exibindo sua força no trabalho associativo. Por outro lado, “*conservam sua carga afetiva inalterada*” (p 13), sendo esta conduzida para outras modalidades. (KAUFFMAN, 1996)

Freud indicou que afeto e representação, são representantes da pulsão¹. Esta nunca se dá por si mesma, nem a nível consciente, nem a nível inconsciente; só é conhecida pelos seus representantes: o representante ideativo e o afeto. “*Se a pulsão não se ligasse a uma representação, ou não viesse à luz como estado de afeto, nada poderíamos saber sobre ela*” (FREUD, 1915, p. 216). Desta forma, o afeto figura como expressão - ao lado do laço representacional - dos conflitos constitutivos do sujeito e embora não possamos determinar a origem do afeto, podemos sentir suas manifestações.

Pensar que existe a possibilidade de um tratamento que possa apagar a memória, é difícil, e aqui não se trata disso. Aqui compete falar da função do inconsciente diante dessas experiências dolorosas para o sujeito. Freud já dissera que o inconsciente protege o sujeito de suas vivências insuportáveis, mas parte por outro caminho, que não o mesmo da técnica do Dr. Howard. O inconsciente, de certa maneira, até pode arquivar a representação de algumas das lembranças, tornando-as inacessíveis para a consciência, mas o sujeito depara-se com a impossibilidade de viver sem os efeitos de tal “esquecimento”. No desenrolar do filme, vemos essa tentativa de extinguir as lembranças dolorosas, e deparamo-nos ao mesmo tempo com a resistência de Joel, ao encarar tal aniquilamento. O que ele não sabia, era que mesmo após tudo apagado, o tratamento não dava conta de lidar com os seus afetos, pois o psiquismo é inerente ao ser humano, e impossível de ser extinto. Abafar as experiências, por um lado, pode ser protetor, mas por outro lado, o afeto ligado a essas experiências ganha mais força, e se vê compelido a revelar-se de outras maneiras.

No desfecho do filme, Joel se encontra em sua última lembrança de Clementine a ser apagada, que refere-se ao primeiro encontro dos dois. Tudo é mostrado como foi mas ao mesmo tempo a casa onde eles estão começa a desabar indicando o fim de tudo. No último momento, Clementine sussurra para Joel a encontrar em Montauk, aconteça o que acontecer. E aí os vestígios aparecem, o inconsciente se presentifica, e entende-se porque em um determinado momento Joel segue desesperadamente para Montauk. No trem ele vê Clementine, que no momento para ele é uma ‘desconhecida’ e fica apenas cogitando uma possibilidade de romance entre os dois. Sem se dar conta, ele (re)inicia

¹ O termo pulsão foi definido por Freud como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático; o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo - dentro do organismo - e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita ao psiquismo no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

sua história de amor. Vemos aí o afeto produzindo seus efeitos, o inconsciente demonstrando suas lacunas.

E finalmente, depois de tantos encontros, desencontros e desentendimentos, o casal toma consciência do que passaram, e se reconciliam, retomando algo que, mesmo com as dores, estão dispostos viver. Acima de tudo, “Brilho Eterno de uma mente sem lembrança” trata da complexidade e da fragilidade do ser humano, dessa relação paradoxal e imperfeita. O filme mostra por fim, que todas nossas experiências, por mais dolorosas que sejam, são necessárias. Porque para ser humano é preciso viver, e sofrer. E acabar com as lembranças, é apagar a vida.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma Psicologia Científica: In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, P. Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996